

LIÇÕES A SEREM APRENDIDAS DA CRESCENTE ADOÇÃO DO PLANTIO DIRETO NA AMÉRICA LATINA

Manoel Henrique Pereira

Produtor Rural. Email: agromhp@uol.com.br

Atualmente pode-se afirmar que na atividade rural, a mecanização intensiva do solo, ou seja, a frequência de operações composta pela queima dos restos culturais, aração, gradagem e o destorroamento até a obtenção da total pulverização da estrutura natural do solo, foi um flagelo de extrema gravidade. Durante muitas décadas ele esteve presente provocando danos incalculáveis, sem que houvesse uma tentativa de mudança nesta forma desastrosa de produzir.

Essa maneira de fazer agricultura foi recebida como herança de nossos antepassados. Na sua grande maioria eles se originaram de regiões de clima temperado, onde essas operações de revolvimento do solo tinham como objetivo o seu aquecimento, desta forma favorecendo a germinação das sementes. Assim aprendemos e assim continuamos procedendo.

Nas Américas com influência dos climas tropical e subtropical onde chuvas ocorrem de forma rápida e concentrada, pode-se observar que uma chuva de 100 mm em algumas horas provoca o arraste da parte mais rica do solo. Essa ocorrência se denomina erosão hídrica.

Mas não foi apenas a superfície do solo que sofreu danos. A produtividade nestas áreas foi diminuindo, safra após safra, provocando então a erosão financeira.

Mais adiante, o meio ambiente também foi erodido. Rios, represas, reservatórios de hidrelétricas e de água para consumo humano tiveram seus índices de qualidade comprometidos devido a enxurradas provenientes das áreas sob cultivo agrícola.

O volume de solo exportado da propriedade rural chegava a ser dez vezes maior do que o produzido em grãos. Esta agricultura, no entanto, tinha seus dias contados. Disto muitos sabiam, mas poucos estavam decididos a mudar. Frequentemente entidades de pesquisa oficial informavam da necessidade e importância de mudanças para outras técnicas, como alternativas para enfrentar o quadro deprimente existente. Foram propostas a utilização de terraços, o plantio em nível e menor revolvimento do solo. Desta fase até as primeiras tentativas de plantar sem arar, o espaço de tempo foi pequeno.

Alguns produtores, no início chamados de inovadores, depois sonhadores e mais adiante de loucos ou fanáticos, e hoje considerados pioneiros, tomaram para si a iniciativa de implantação em suas propriedades, de pequenas áreas para teste desta nova maneira de se fazer agricultura. No Brasil, a pessoa do agricultor Herbert Bartz em 1972, na Argentina Rogelio Fogante, no Chile Carlos Crovetto, no Uruguai Gélío Mazzilli e no Paraguai Rudi Dresler assumiram a paternidade do sistema que viria a ser considerado responsável pela maior revolução na agricultura das Américas nos últimos 30 anos.

Todos estes personagens foram de alguma forma influenciados pelo carisma do pesquisador e extensionista norte americano Shirley Phillips, considerado o pai do plantio direto no mundo, pelo excelente trabalho que realizou em conjunto com o agricultor Harry Young no final da década de 60, nos EUA e que resultou na publicação No Tillage Farming, um dos trabalhos sobre plantio direto mais consultados no mundo até hoje.

O entusiasmo gerado junto aos produtores pioneiros com a utilização da nova técnica, ocasionou uma fase de difusão nos meios de comunicação escrito e televisionado. Em todo momento surgiam notícias ou comentários sobre a utilização da nova técnica em situações diferentes e mais críticas em que o plantio direto se adequava.

Isto fez com que um grande número de produtores do continente americano fosse incentivado a instalar em suas propriedades, áreas com o novo sistema, desafiando inúmeras dificuldades que teriam que ser enfrentadas, como exemplo vale lembrar:

- pesquisa oficial com poucas informações disponíveis;
- extensão e assistência técnica sem especialização;
- produtos químicos não específicos para controle de ervas e de alto custo;
- máquinas para plantio com grandes dificuldades de financiamento e aquisição.

Mas, se o desafio era grande, maior foi a força de vontade dos pioneiros em vencê-lo. E assim ocorreu.

Por consequência, o que mais surpreendeu foram as médias de produção que chegavam a níveis jamais esperados. Em algumas culturas como o milho, as produtividades dobraram no comparativo às anteriores no sistema convencional. No conjunto, todas as produtividades cresceram e as adubações diminuíram, deixando sem resposta alguns especialistas da área de fertilidade do solo, que concordaram em refazer alguns conceitos que utilizavam até aquela época.

Como se conseguia aumento de produção com menor custo, a adesão dos produtores à nova técnica era questão de tempo e de bom senso. Observou-se uma total mudança nos trabalhos de campo, como também nos seus habitantes, melhor dizendo, a fauna e a flora e os demais componentes do meio ambiente, especialmente os inimigos naturais, deram aprovação ao novo sistema. Vale destacar que houve expressiva melhoria na qualidade ambiental tanto no solo, como na água e no ar. Todo o meio ambiente aprovou o plantio na palha, que algumas vezes e ainda hoje é criticado por especialistas que, por não terem contribuído, preferem duvidar.

Foram décadas de muito trabalho e de dedicação de pessoas que se doaram e nada receberam de benefício a não ser o reconhecimento público em todas as atividades, desde o laboratório até a porteira da fazenda. Produtores reuniram-se, agrupando-se em clubes (Clube da Minhoca, Clubes Amigos da Terra, Clubes de Plantio Direto) para trocar informações e experiências. A partir destas iniciativas, foram criadas entidades de apoio técnico e científico, dentro da iniciativa privada, com o objetivo de dar respaldo ao produtor. E foram diversas as instituições criadas: Fundação ABC no Paraná, Fundação MS no Mato Grosso do Sul, FAPCEN no Maranhão, FUNDACEP no Rio Grande do Sul e Fundação MT no Mato Grosso.

No âmbito internacional, na América do Sul surgiram as entidades representativas de países como a FEBRAPDP no Brasil, a AAPRESID na Argentina, a SOCOSCHI no Chile, a FEPASIDIAS no Paraguai e a AUSID no Uruguai, o CTIC nos EUA, etc, que integradas aos órgãos de pesquisa atuais e às empresas dos diversos segmentos que atuam na agricultura, asseguravam atender à demanda de informações solicitadas pelos produtores que recém adotavam o Plantio Direto.

A integração de todas estas ações proporcionou a realização de eventos que atingiram a muitos objetivos, desde o mais simples dia de campo local e regional, até os grandes eventos de caráter nacional e continental, levados a efeito em diversas regiões dos países envolvidos. A frequência sempre foi elevada, com participação de produtores, extensionistas e pesquisadores, caracterizando uma integração interessante e importante para que os objetivos fossem alcançados. Sempre houve o apoio financeiro das empresas do ramo e nem sempre da área governamental.

O desgaste físico, químico e biológico que os solos agrícolas vinham sofrendo há mais de meio século nas Américas, começou a ser revertido, com as benesses do Plantio direto.

Teve início a 2ª revolução verde na agricultura do planeta. Diversos fatos importantes foram resultados do crescimento da adoção desta tecnologia:

- a economia na reposição de peças, no uso de lubrificantes, combustíveis, hora máquina e hora homem.
- A utilização de produtos químicos adequados com princípios ativos mais apropriados e em menor quantidade.

- A estabilidade da cobertura do solo proporcionada pela palha (restos de cultura), aumentando a disponibilidade de elementos químicos para as plantas, naturalmente.
- A redução da quantidade do uso de fertilizantes
- A maior produtividade devido ao expressivo aumento da matéria orgânica disponível

Estes benefícios, antes não existentes, devido a agricultura convencional, aumentam a cada ano, com o uso da nova tecnologia.

Os avanços da técnica do Plantio Direto não se restringiram somente aos grandes e médios produtores como se pensou inicialmente. A partir do ano de 1993, com a disponibilidade de informações e de uma plantadeira tração animal, criada pelos pesquisadores do Instituto Agronômico do Paraná (IAPAR) e com o apoio dos técnicos da EMATER-PARANÁ e da Federação de Plantio Direto na Palha, foram colocados nas mãos de pequenos produtores 30 plantadeiras para plantio direto tração animal.

Após 3 anos, quando da primeira avaliação feita pelas equipes técnicas que deram apoio aos pioneiros, concluíram que a aceitação tinha sido unânime e que a adesão de novos interessados era constante.

Todo o sul do Brasil, a partir do estado do Paraná, desenvolve hoje uma nova fase da técnica do Plantio Direto, com criatividade e dedicação, sendo a aceitação pelos pequenos produtores a melhor razão para se organizar uma reforma agrária técnica e viável, onde o homem produz em harmonia com a natureza.

Estão à disposição do pequeno produtor todas as informações técnicas utilizadas pelos médios e grandes produtores, desde a rotação de culturas até o manejo de pragas pelo controle biológico.

Este capítulo de nossa história também chamou a atenção do mundo e são freqüentes as caravanas de entidades de consultores internacionais que nos visitam, surpresos pelo extraordinário resultado obtido com tão modesto aporte de recursos financeiros.

Se nestes 30 anos foram grandes os desafios e as limitações existentes, hoje é maior ainda o prazer de observar que em todo o planeta existe constante discussão sobre a nova tecnologia e maior número de adeptos. E isto ocorre desde a região mais rica e fértil do pampa argentino ao chapadão de areia quartzosa do cerrado baiano, no Brasil.

Não se deve atribuir a pessoas, entidades e/ou outros fatores a principal responsabilidade pelo sucesso obtido. Efetivamente a parte mais importante desta caminhada ocorreu quando produtores, extensionistas e pesquisadores reuniram-se, num esforço maior de cada um em ver a produção de alimentos prosperar em harmonia com a natureza. Sabe-se que esta união de esforços é a viga mestra que suporta o avanço do sistema, não só no Brasil, mas em todos os países hoje associados à Confederação de Associações Americanas para uma Agricultura Sustentável (CAAPAS) que detém 85% da área mundial de plantio direto.

Aqui deixamos nossa contribuição aos produtores de outras regiões do planeta, que hoje participam deste “II Congresso Mundial sobre Agricultura Conservacionista”, com enfoque principal nos fatores que mais contribuíram para consagrar o sistema. Para todos, será sempre o melhor caminho para preservar a água, o ar, o solo, a fauna e a flora. Em realidade a natureza é quem agradece todos os dias a um hectare a mais de plantio direto.

Se plantar na palha é rentável e sustentável, nela vamos plantar.